

E de repente tudo mudou...

E, de repente, no dia 16 de março foram suspensas as atividades letivas e não letivas nas escolas... Alguns alunos terão levado os seus materiais para casa, mas todo o material comum ficou lá, nas salas de aula. O quadro, onde conseguimos rapidamente registar algo para partilhar com os outros, ficou na escola. Os materiais didáticos e pedagógicos a que prontamente recorremos para representar, mostrar, demonstrar e explicar ideias... esses também ficaram na escola. E o espaço onde podemos estar juntos, aprender, conversar, rir? Também ficou na escola? Será possível recriá-lo?

A 16 de março, inevitavelmente, a perspetiva do que é a escola transformou-se bruscamente nas nossas mentes, ampliando-se. Noutros momentos, melhor ou pior, com mais ou menos condições, as alterações que fomos vivenciando na escola fizeram-se anunciar, dando-nos algum tempo para processar sobre o que iria mudar. Mas nada nos preparou para uma escola com salas de aula vazias, sem o contacto social próximo com os nossos alunos, sem definição do que fazer, como fazer e até quando o fazer. Enquanto seguíamos com atenção a situação vivida no nosso país e no mundo nós, professores, olhámos em redor, e com o que tínhamos ao nosso alcance procurámos rapidamente respostas para o “E agora?” que se impôs.

A forma como procurámos responder a esta questão está certamente dependente da realidade em que nos encontramos, pois a resposta que cada um de nós pode dar é moldada por vários fatores, em particular pelos recursos que temos à nossa disposição (professores e alunos).

Para muitos de nós deu-se início a uma verdadeira incursão pelo mais ou menos desconhecido mundo da tecnologia... Pelo mundo das plataformas que já soubemos usar em tempos, mas fomos esquecendo. Pelo mundo de recursos digitais, explorados em tempo recorde... Se, inicialmente, foi uma procura ávida das ferramentas que existem, foi-se tornando progressivamente mais focada e situada na forma como nós próprios, professores, entendemos o que é ensinar e aprender. Se a aprendizagem ocorre e prospera com os outros, então não nos podemos limitar a um trabalho à distância e a sós. Estamos isolados, mas não necessariamente sozinhos. Esta procura é altamente facilitada por um trabalho com colegas professores. É possível que, agora mais do que antes, os professores comuniquem regularmente, partilhando ideias, discutindo que propostas parecem ter corrido melhor, o que pode ser melhorado, tudo isto em conjunto. Descobrimos e continuamos a descobrir ferramentas que, eventualmente, já estamos a experimentar ou a usar regularmente com os nossos alunos.

Mas será este um cenário comum a todos nós? E os alunos a quem não conseguimos chegar? E aqueles que não possuem um computador para trabalhar, seja porque não existe ou, existindo, é imprescindível para os pais que se encontram em teletrabalho? E os alunos que não possuem acesso à Internet? Como garantir então condições mínimas de acessibilidade a todos os alunos? Que resposta poderá ser dada pelo próprio Ministério de Educação? E aqueles alunos que, estando na posse de meios tecnológicos, têm grande dificuldade em orientar-se no mundo digital ou mesmo na compreensão das próprias tarefas? Ao afastarmo-nos da escola, enquanto espaço físico, somos obrigados a ver o que há muito sabemos existir: disparidades sociais existentes entre os alunos, que se refletem num acesso à educação claramente desigual.

Para além de questões relacionadas com o *como* aprender, surgem também incertezas sobre o *que* aprender. Em altura de pensar numa escola à distância, que aprendizagens devemos promover? Deveremos dar continuidade à aprendizagem de conteúdos, tal como se estivéssemos presencialmente na escola? Ou deveremos antes pensar em desenvolver outras competências, que agora parecem ganhar maior importância, como a autonomia ou a capacidade de pesquisar, mobilizar e olhar de forma crítica para a informação? Certamente, as escolas e agrupamentos deverão assumir um papel de destaque na definição de como e o que trabalhar com os alunos.

E como poderemos avaliar este trabalho à distância? De que forma podemos entender a avaliação nesta nova visão de escola? Como podemos avaliar para aprender mais e melhor e como avaliar o que se aprende? Poderemos usar os mesmos instrumentos? Se há muito a questão da avaliação tem vindo a ganhar maior e merecido destaque, neste momento excepcional que vivemos, encontrará certamente lugar e oportunidade para ser discutido entre nós.

As dúvidas imperam... Mas há algumas certezas. Nós, professores, com a energia e a capacidade criativa que sempre nos caracterizou, tudo faremos para responder a este enorme desafio. E a certeza também de que, quando regressarmos à nossa sala de aula, voltaremos com uma visão de *escola* que se estende muito além de um quadro, de manuais, das salas de aula... Voltaremos diferentes. Nós e os alunos.

CRISTINA MORAIS
EXTERNATO DA LUZ

JOÃO TERROSO
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS LUÍS DE CAMÕES

HELENA ROCHA
CICS.NOVA, FCT-UNL